



Número 19 abril 2006

NOTA TÉCNICA

Combustíveis e seus reajustes

Combustíveis e seus reajustes

O aumento do álcool, neste 1º trimestre de 2006, assustou os consumidores. Muitos deles, com veículos bicompostíveis, optaram por abastecer seus carros com gasolina, uma vez que, este se mostrou mais conveniente que o álcool. Por ser um combustível que rende menos, o álcool deveria custar, no máximo, entre 60% a 70% do valor da gasolina para ser vantajoso. Em março, a relação de preços entre estes combustíveis foi de 72,7%.

As razões apontadas para tais reajustes foram, entre outras: entressafra da cana de açúcar, estoques reguladores baixos e aumento da demanda devido à produção de carros flex.

Esta nota técnica objetiva apresentar e entender a magnitude do aumento dos preços. Para isso, o DIEESE procurou verificar como se comportaram os preços do álcool combustível e da gasolina, em comparação com o aumento dos preços apurados pelo Índice do Custo de Vida (ICV) geral (que engloba famílias de todas as faixas de renda) calculado pelo DIEESE para o município de São Paulo, no período de janeiro/97 até março/06.

TABELA 1
Taxas anuais da gasolina, álcool e ICV-DIEESE Geral
Período de 1997 a 2006.
Município de São Paulo

<i>Anos</i>	<i>Gasolina</i>	<i>Álcool</i>	<i>Total Geral</i>
1997	9,42%	11,56%	6,11%
1998	-4,32%	-26,66%	0,49%
1999	52,29%	52,10%	9,57%
2000	36,12%	31,92%	7,21%
2001	7,36%	-8,53%	9,42%
2002	12,29%	33,44%	12,93%
2003	-0,14%	-15,06%	9,56%
2004	13,78%	24,85%	7,70%
2005	8,23%	8,22%	4,54%
2006	5,40%	33,84%	1,37%
Total Geral	239,15%	207,74%	93,53%

Fonte: DIEESE. ICV

Neste período, a taxa acumulada de inflação foi de 93,5%, contra reajustes bem superiores na gasolina (239,2%) e no álcool (207,7%). O primeiro pode ser justificado, em parte, pela variação

cambial e pelo comportamento do preço internacional do petróleo. Porém, o álcool não possui tantas justificativas para a prática de reajustes semelhantes à gasolina.

Ao se comparar as taxas anuais de ambos os combustíveis com o índice geral do ICV-DIEESE, verificou-se que, nestes 9 anos e 3 meses analisados, apenas em três anos os reajustes dos combustíveis foram inferiores à taxa de inflação geral: 1998, 2001 e 2003.

Em janeiro de 1999, com a desvalorização do real, o aumento da gasolina justificou-se pela elevação do preço do petróleo importado (52,29%), maior que a inflação (9,57%). Ao mesmo tempo, porém, observou-se uma alta semelhante no álcool (52,10%).

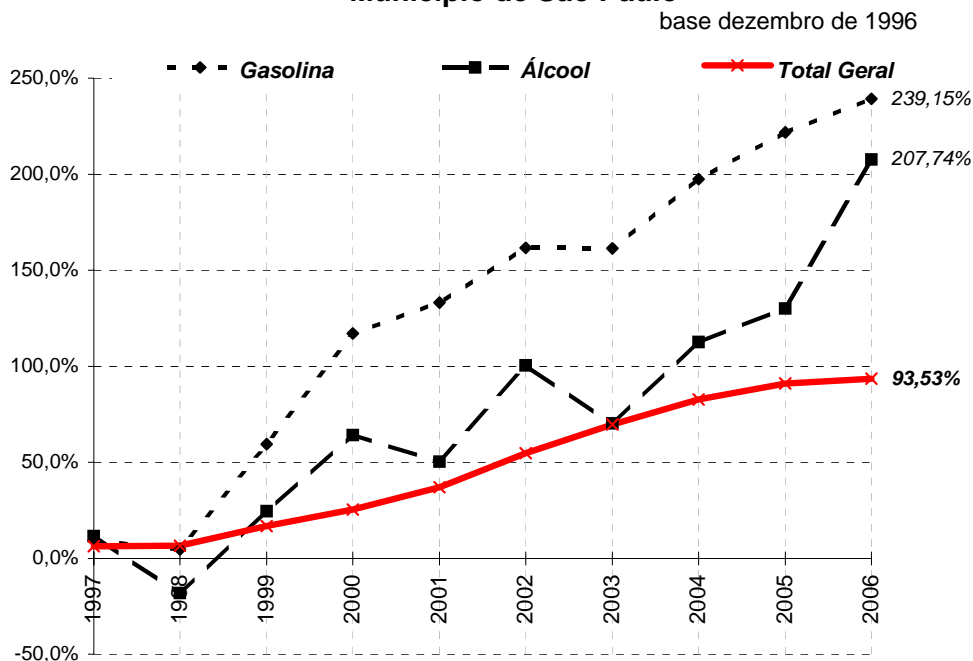
Em 2000, para uma inflação de 7,21%, tanto a gasolina (36,12%) como o álcool (31,12%) tiveram aumentos equivalentes e muito acima do índice geral.

No ano 2002, o álcool (33,44%) apresentou taxa de reajuste bem superior ao da gasolina (12,29%) que ficou próxima ao índice geral (12,93%).

Nos anos de 2004, 2005 e 2006, as taxas de ambos os combustíveis ficaram acima do índice geral. Neste 1º trimestre de 2006, para uma inflação de 1,37%, o álcool já aumentou 33,84% e a gasolina 5,40%.

Existe uma forte correlação positiva entre os reajustes da gasolina e do álcool, isto é quando a gasolina aumenta de preço o mesmo acontece com o álcool. Não há razões para tal comportamento, tanto em relação ao processo produtivo quanto à formação do preço no comércio internacional (Gráfico 1).

GRÁFICO 1
Taxas acumuladas da gasolina, álcool e ICV-DIEESE Geral
Período janeiro de 1997 a março de 2006
Município de São Paulo



Fonte: DIEESE. ICV

As taxas mensais de variação dos combustíveis foram acumuladas trimestralmente com o objetivo de captar problemas de sazonalidade na produção do álcool e comparadas com o ICV-DIEESE. (Tabela 2)

TABELA 2
Taxas acumuladas trimestrais da gasolina, álcool e ICV-DIEESE Geral
Município de São Paulo - 1997 a 2006.

(em %)

Anos	Trimestres	Gasolina	Álcool	inflação Geral
1997	Primeiro	4,81%	9,08%	3,10%
	Segundo	-1,06%	-0,68%	2,07%
	Terceiro	-0,31%	-0,97%	0,38%
	Quarto	5,83%	3,98%	0,45%
1997 Total		9,42%	11,56%	6,11%
1998	Primeiro	-2,12%	-2,28%	1,19%
	Segundo	-0,79%	-3,67%	0,65%
	Terceiro	-5,46%	-13,67%	-1,35%
	Quarto	4,23%	-9,76%	0,02%
1998 Total		-4,32%	-26,66%	0,49%
1999	Primeiro	8,98%	0,93%	3,56%
	Segundo	9,78%	-19,88%	0,67%
	Terceiro	18,17%	12,45%	1,95%
	Quarto	7,72%	67,26%	3,10%
1999 Total		52,29%	52,10%	9,57%
2000	Primeiro	4,89%	1,35%	1,76%
	Segundo	-0,45%	-2,27%	0,24%
	Terceiro	19,64%	29,59%	3,89%
	Quarto	8,97%	2,77%	1,17%
2000 Total		36,12%	31,92%	7,21%
2001	Primeiro	-0,30%	0,31%	1,55%
	Segundo	-2,61%	-8,62%	2,15%
	Terceiro	7,00%	-2,41%	3,40%
	Quarto	3,33%	2,25%	2,02%
2001 Total		7,36%	-8,53%	9,42%
2002	Primeiro	-10,10%	-0,24%	1,42%
	Segundo	10,70%	-1,55%	1,45%
	Terceiro	1,38%	-8,91%	2,72%
	Quarto	11,30%	49,17%	6,86%
2002 Total		12,29%	33,44%	12,93%

(continua)

TABELA 2
Taxas acumuladas trimestrais da gasolina, álcool e ICV-DIEESE Geral
Município de São Paulo - 1997 a 2006 (conclusão)

(em %)

Anos	Trimestres	Gasolina	Álcool	inflação Geral
2003	Primeiro	11,41%	21,95%	5,42%
	Segundo	-8,00%	-16,48%	1,36%
	Terceiro	-2,16%	-11,49%	1,47%
	Quarto	-0,41%	-5,77%	1,05%
2003 Total		-0,14%	-15,06%	9,56%
2004	Primeiro	-0,73%	-27,15%	1,75%
	Segundo	1,98%	25,16%	1,62%
	Terceiro	3,14%	11,27%	2,21%
	Quarto	8,97%	23,05%	1,91%
2004 Total		13,78%	24,85%	7,70%
2005	Primeiro	0,54%	-2,63%	2,06%
	Segundo	-0,54%	-15,11%	0,73%
	Terceiro	3,84%	8,33%	0,54%
	Quarto	4,23%	20,86%	1,15%
2005 Total		8,23%	8,22%	4,54%
2006	Primeiro	5,40%	33,84%	1,37%
2006 Total		5,40%	33,84%	1,37%

Fonte: DIEESE. ICV

O problema da alta do preço do álcool neste primeiro trimestre de 2006 tem sido atribuído à entressafra da cana de açúcar. Porém, os reajustes trimestrais observados no período de janeiro de 1997 a março de 2006 revelam que as maiores taxas trimestrais, de um modo geral, ocorrem no 4º trimestre, como observado nos anos de 1999, 2001, 2002 e 2005. Em segundo lugar, vem o 1º trimestre, com apenas dois anos com taxas positivas e mais elevadas (1997 e 2003); no ano de 1998 a taxa do 1º trimestre (-2,28%) foi a menos negativa.

Em 2005, o maior aumento se deu no 4º trimestre (20,86%) resultando em um reajuste, no último semestre do ano, no preço do álcool da ordem de 61,76%, não havendo justificativa plausível para os aumentos praticados neste ano de 2006.

Uma outra abordagem diz respeito à relação entre o preço do álcool, nos três primeiros meses dos anos de 1997 a 2006 (tabela 3).

TABELA 3
Preços médios do litro da gasolina e do álcool nos três primeiros meses de cada ano
Município de São Paulo – 1997 a 2006

(em R\$ nominais)

Anos	mês	Gasolina	Álcool		Relação entre Álcool e Gasolina (em %)
1997	jan	0,793	0,680		85,8%
	fev	0,788	0,681		86,4%
	mar	0,782	0,681		87,1%
1997		0,788	0,681		86,4%
1998	jan	0,811	0,694		85,6%
	fev	0,811	0,697		85,9%
	mar	0,799	0,682		85,4%
1998		0,807	0,691		85,6%
1999	jan	0,805	0,531		66,0%
	fev	0,819	0,526		64,2%
	mar	0,852	0,518		60,8%
1999		0,825	0,525		63,6%
2000	jan	1,186	0,787		66,4%
	fev	1,184	0,792		66,9%
	mar	1,242	0,782		63,0%
2000		1,204	0,787		65,4%
2001	jan	1,623	1,024		63,1%
	fev	1,614	1,032		63,9%
	mar	1,614	1,021		63,3%
2001		1,617	1,026		63,4%
2002	jan	1,624	0,935		57,6%
	fev	1,521	0,930		61,1%
	mar	1,555	0,930		59,8%
2002		1,567	0,932		59,5%
2003	jan	2,111	1,317		62,4%
	fev	2,161	1,483		68,6%
	mar	2,164	1,517		70,1%
2003		2,145	1,439		67,1%

(continua)

TABELA 3
Preços do litro da gasolina e do álcool nos três primeiros meses de cada ano
Município de São Paulo – 1997 a 2006 (conclusão)

(em R\$ nominais)

Anos	mês	Gasolina	Álcool		Relação entre Álcool e Gasolina
2004	jan	1,944	1,026		52,8%
	fev	1,935	0,952		49,2%
	mar	1,919	0,752		39,2%
2004		1,933	0,910		47,1%
2005	jan	2,206	1,255		56,9%
	fev	2,211	1,244		56,3%
	mar	2,222	1,246		56,1%
2005		2,213	1,248		56,4%
2006	jan	2,397	1,517		63,3%
	fev	2,411	1,576		65,4%
	mar	2,506	1,823		72,7%
2006		2,438	1,639		67,2%

Fonte: DIEESE. ICV

Nos anos de 1997 e 1998, quando o real estava valorizado em comparação ao dólar, a relação entre o preço do álcool e da gasolina equivalia a 86%.

Com a desvalorização cambial em janeiro de 1999, esta proporção diminuiu para um patamar em torno de 60%, exceção aos anos de 2003 (67,1%) e 2006 (67,2%). Em março último, a proporção atinge 72,7%, a maior para o mês desde 1998.

O que se questiona é até quando o preço do álcool e mesmo da gasolina irá pressionar a inflação?

O setor sucroalcooleiro

Para analisar o comportamento atual do preço do álcool combustível, deve-se considerar sua produção. A safra 2005/2006 foi estimada em 17,0 bilhões de litros de álcool, dos quais 53,6% correspondem ao álcool anidro, 45,6% ao álcool hidratado e 0,9% de álcool neutro.

A Região Centro-Sul é responsável pela produção de 90,0% do total de álcool (89,0% de anidro, 91,7% de hidratado e 59,2% de neutro). A maior participação relativa da produção de álcool hidratado explica-se pelo uso do carro bicomcombustível e, portanto, do álcool combustível que está mais presente nessa região. Por outro lado, houve redução de safra na Região Nordeste e nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul.

A definição do preço do álcool, porém, é em grande parte determinado pelos grandes produtores. O setor sucroalcooleiro brasileiro tem se reestruturado. Estudos do Instituto de Economia Agrícola (IEA¹) indicam que a concentração de grandes grupos de açúcar e álcool cresceu, o que resultou em um aumento do poder das usinas na composição do preço do álcool. Hoje, apenas três grupos detêm de 30% a 40% da produção de álcool, fazendo com que a participação das usinas na composição do preço álcool anidro passasse de 49%, em 2003, para 53%, em 2005.

Por outro lado, o real está supervalorizado em relação ao dólar e a entressafra da cana já acabou, o que pode resultar na redução do preço do álcool combustível. No entanto, a observação atenta das mudanças que estão ocorrendo na produção da cana-de-açúcar – e que apontam para uma concentração da oferta de álcool e prioridade para exportações dos derivados da cana frente às cotações dos preços internacionais – deveria pautar as políticas para o setor e subsidiar ações que corrijam os impactos negativos das elevações dos preços dos combustíveis, em particular do álcool.

¹ Ver estudo em www.usp.br/iea/

DIEESE

Direção Executiva

Carlos Andreu Ortiz – Presidente

STI. Metalúrgicas de São Paulo

João Vicente Silva Cayres – Vice-presidente

Sind. Metalúrgicos do ABC

Antonio Sabóia B. Junior – Secretário

SEE. Bancários de São Paulo

Carlos Eli Scopim – Diretor

STI. Metalúrgicas de Osasco

Alberto Soares da Silva – Diretor

STI. Energia Elétrica de Campinas

Zenaide Honório – Diretora

APEOESP

Pedro Celso Rosa – Diretor

STI. Metalúrgicas de Curitiba

Paulo de Tarso G. B. Costa – Diretor

Sind. Energia Elétrica da Bahia

Levi da Hora – Diretor

STI. Energia Elétrica de São Paulo

Carlos Donizeti França de Oliveira – Diretor

Femaco – FE em Asseio e Conservação

do Estado de São Paulo

Mara Luzia Feltes – Diretora

SEE. Assessoria Perícias e Porto Alegre

Célio Ferreira Malta – Diretor

STI. Metalúrgicas de Guarulhos

Eduardo Alves Pacheco – Diretor

CNTT/CUT

Direção técnica

Clemente Ganz Lúcio – diretor técnico

Ademir Figueiredo – coordenador de desenvolvimento e estudos

Nelson Karam – coordenador de relações sindicais

Equipe técnica

Cornélia Nogueira Porto

Leila Brito

Nelson Karam

Patrícia Lino Costa

Iara Heger (revisão)